

— — — — —
△
CRÔNICAS DOS
SENHORES
DE CASTELO
MARÉ VERMELHA
LIVRO 3

G. BRASMAN & G. NORRIS

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2014



VERUS
EDITORA



KYNIS

QUADRANTE 2



SUMÁRIO

Prelúdio	15
Registros.....	16
Sangue Azul	17
Saberes	21
No Mar Gélido	24
Máquina de Guerra	30
Um a Menos	35
Uma Nova Cor	39
À Procura	44
Um Novo Sentimento.....	46
Vigia	52
Uma Figura Sinistra.....	56
Sombras na Lua.....	60
Admirável Mundo Novo	62
Águas Milagrosas	68
Amizades Inóspitas	72
Essência Floral	74
Faíscas de Dragão	79
Imagens-Memória	84
Semblantes Sombrios	89
Um Símbolo do Passado	95
Uma Última Lição.....	100
Trunfo Final.....	104
Pedido Suplicante	106
Escolhas da Vida.....	111
Mulher Admirável	117

Urthadar	122
Preenchendo o Vazio	124
Dourado Caminho.....	136
Sonhos Doces.....	140
As Pedras dos Reis	144
O Horror de Seath.....	148
Última Chance	149
A Verdade Mais Verdadeira	153
Arte da Negociação	163
Silêncio dos Inocentes	169
Conselho de Pedra	175
Missões e Surpresas.....	179
Velhos Amigos.....	188
Pedido Oficial.....	192
Peso no Coração.....	198
Um Convite Inesperado.....	201
Conversas ao Luar	205
Prisão a Céu Aberto.....	212
O Maior Poder de Todos.....	215
Entrega.....	219
Dívida de Vida.....	220
Pouco Tempo.....	223
Vencedores e Sobreviventes	226
Ressentimento	228
Fumaça ao Vento.....	232
Inspeção.....	234
Imagem Distorcida.....	239
Cooperação.....	243
Confirmação.....	249
Promessa.....	252
Alternativa	258
Mil Nomes.....	260
Cheiro de Morte	262

Vibrações	268
Bilhete Trágico.....	269
Notícia	270
Catástrofe.....	272
Última Alternativa.....	273
Mitos Vivos.....	278
Presença Real	281
Pulso Fantasma	286
Sangue e Fogo.....	288
Desejo Realizado.....	293
<i>Volundr Handle</i>	294
Efeito Colateral.....	298
Suspeitas	302
Um Rosto Amigo.....	304
Interrupções.....	310
Nada a Fazer	312
Festa Particular	314
Remendos	316
Inimigo Conhecido.....	318
Mercado de Horrores	324
Futuro Irreversível	327
Uma Nova Chama	331
Bênçãos de Orzana.....	333
Coração Silencioso.....	335
Adeus Negado.....	339
A Derradeira Batalha.....	342
A Cor da Vingança.....	344
A Chave Real.....	346
Escolha.....	347
Verdade e Esperança.....	348
O Cheiro de um Beijo.....	354
Pedido Silencioso.....	358
Barreira Fusiva	364

A Dura Realidade	368
Caminho sem Volta	370
Invasão.....	372
Tesouro nos Braços.....	373
Chegada a Hora.....	376
<i>Pacha Minara</i>	380
O Despertar do Monstro.....	384
Revelação Sofrida	386
Desolação e Desespero	388
Vingança Carregada	395
Trinta Passos.....	397
Canção de Eine.....	401
Segredo Compartilhado.....	408
Traição e Direito	409
A Verdade	411
Razão para Lutar.....	414
Seleção	416
Antivazio	418
Destinos Cruzados	421
Perfeição	423
Cacos de Luz.....	426
Novas Ruínas	428
Encontrando seu Lugar	429
Raio Branco	432
Tempo Suficiente.....	434
O Dono da Prisão	437
A Última Defesa	439
A Verdade que Esmaga.....	442
<i>Wa'Puma</i>	443
Vale em Ruínas	445
Luz Mórbida	449
Entre as Dimensões.....	450
No Infinito.....	452

Sem Volta.....	456
Aqui e no Infinito	457
Um Último Golpe.....	461
Mais Problemas.....	465
Coração em Paz.....	469
Pagamento.....	471
O Fogo da Alma	474
A Dívida e o Acordo.....	478
Uma Nova Liberdade.....	480
Jornada Longa	482
Que Assim Seja.....	484
Homenagem Triste.....	488
O Retorno	492
Epílogo.....	495
Apêndice	
Sobre o Nome das Coisas	498
Da Academia e da Ordem.....	500
Chamado Castelar.....	503

PRELÚDIO

Há muitas e muitas eras, seres naturalmente mágicos chamados Espectros ameaçavam destruir o equilíbrio de todo o Multiverso, aniquilando tudo que existia.

Para combatê-los, uma sábia chamada Nopporn, descendente de uma das primeiras raças sábias, convocou os principais líderes, regentes, imperadores e soberanos de todos os planetas civilizados para formarem um grupo de combate especial chamado Senhores de Castelo.

Depois de mais de uma década de guerras devastadoras, os Senhores de Castelo conquistaram a vitória. Os poucos Espectros sobreviventes foram aprisionados em pedras preciosas mágicas, que foram incorporadas a seres colossais, naturais dos confins do Multiverso.

Assim surgiu a Ordem dos Senhores de Castelo, formada por seres únicos, que usam seus dons, habilidades e artefatos de poder para incentivar a paz e a prosperidade pelos quatro quadrantes do Multiverso.

REGISTROS

No tempo antes do tempo, existia apenas a frequência cósmica primordial, chamada de Maru. Um infinito de possibilidades, em que o futuro de incontáveis universos reverberava em uníssono, gerando a névoa boreal que, ao longo do tempo-espaço infinito, formou o que hoje conhecemos como Multiverso.

DOGMA NOPPORNIANO,
REGISTRADO NO LIVRO DOS DIAS

Para entender a magnitude do Multiverso, onde povos, reinos e nações proliferam vastamente em infinitas miríades de conhecimento, é preciso ter um espírito maleável, calmo e, sobretudo, pacífico. Somente vivendo em harmonia consigo mesmo e com o ambiente circundante é que se é capaz de estender para os outros tal equilíbrio, o qual é chamado PAZ.

TEXTO FRAGMENTADO DO RITO DE PASSAGEM
PRIMEIRO DIA

SANGUE AZUL

Mares Boreais

Ano 3258 da Ordem dos Senhores de Castelo

O velho navio seguia veloz, espalhando gotas de arco-íris, enquanto cruzava os Mares Boreais. Tons de vermelho, amarelo e azul tingiam o céu, refletindo a beleza exótica dos sete sóis que enfeitavam o firmamento. As velhas tábuas do tombadilho, repletas de pinturas de marujos, rangiam suavemente, acompanhando o balanço cadenciado das águas.

Indiferente às belezas do Multiverso, Volgo seguia viagem em seu aposento, absorto em pensamentos. Estava há tanto tempo envolvido com o seu plano que às vezes era preciso recordar o motivo de tudo aquilo. Desta vez, ao lembrar, sentiu uma sensação reprimida, desgastada pelo tempo, teimando em lhe mostrar que havia mais no Multiverso do que apenas ódio e rancor; havia felicidade, compaixão e amor.

Em seu coração, um leve dedilhar de harpas ecoou, enchendo-o de emoções há muito esquecidas. A mais cortante e amarga de todas era a saudade. Morna como chuva de verão, uma lágrima solitária rolou pela pele envelhecida, escorreu pelo rosto magro e caiu na túnica vermelha.

Volgo socou a mesa à sua frente com força.

— Maldita! — exclamou entredentes, xingando a lágrima e, ao mesmo tempo, a rainha dos manticores. Ele havia prometido não sentir piedade, nem de si nem de ninguém, até que seu plano terminasse. Mas o efeito do choro da rainha ainda pesava em seu íntimo, ressuscitando sentimentos enterrados no mais profundo abismo de sua alma.

Em uma cama atrás dele, Willroch gemeu, trazendo-o de volta à dura realidade e o fazendo lembrar que ele estava ali por um propósito. E que atingir o seu objetivo era apenas uma questão de tempo e sacrifícios; muitos sacrifícios.

Deixando as reflexões de lado, Volgo endureceu novamente seu coração e se aproximou da cama de Willroch. Apoiado no cajado de madeira, fechou os olhos e se concentrou, murmurando palavras guturais. Enquanto fazia movimentos com a mão livre, experimentou o leve incômodo de induzir sua magia pelo cajado. Apesar de tantos anos, sentia que não havia dominado totalmente a forma de utilizar aquele instrumento. Mas, ainda assim, era um meio útil de canalizar sua magia. Ignorando o desconforto, prosseguiu com o encantamento. A ponta do cajado brilhou e uma poeira vermelha vibrante saiu de seus dedos, encobrendo completamente o corpo de Willroch, mergulhando o poeta em um sono profundo.

Esse ritual era uma forma lenta, mas eficiente, de tratar Willroch, que apresentava melhoras significativas em relação aos meses anteriores. Embora crises e tremeiras ainda persistissem, Volgo estava confiante na recuperação total de seu lacaio. Ao finalizar a magia, cansado mas satisfeito, deitou para dormir sobre um pano no chão; um costume adquirido há séculos, durante o autoexílio em uma caverna longe de tudo e de todos. De barriga para cima, postou o cajado sobre o corpo, segurando-o firmemente com ambas as mãos, e criou uma proteção invisível ao seu redor.

Porém, antes de descansar em seu casulo protetor, repetiu sua rotina diária de verificação de sua rede de monitoramento. De olhos fechados, alinhou as vibrações de sua mente para reverberarem na mesma frequência que os milhares de detectores que ele havia espalhado pelo Multiverso. Aqueles pequenos aparelhos hexapiramidais eram detectores tecnomágicos de Maru que lhe permitiam saber se fora captada alguma vibração mágica, do tipo que ele procurava havia tantos séculos.

Depois de se certificar de que, mais uma vez, nada fora detectado, Volgo deixou a mente se tornar uma tela em branco e, momentos depois, adormeceu.

Pouco tempo se passou quando o navio inteiro chacoalhou fortemente, arrancando-o do sono. Pergaminhos e livros caíram, e dois recipientes se quebraram ao se chocar, espalhando um líquido gosmento e outro fumegante pelo chão do quarto. Volgo tentou se apoiar para levantar, mas outro tranco, mais forte que o primeiro, o derrubou.

— Mas que *frak* está acontecendo? — perguntou-se em voz alta, irritado.

Intrigado, equilibrando-se como pôde, seguiu pela embarcação, que continuava a chacoalhar, como um brinquedo sendo agitado por uma criança raivosa.

Assim que saiu para o convés, viu, abismado, que enormes barbatanas, finas e com listras rosadas, batiam furiosamente contra o navio. Aqueles apêndices macilentos, repletos de agulhões coloridos, eram diferentes de tentáculos de lulas ou qualquer outra coisa que ele conhecesse.

Na popa, o capitão Tempestuoso, com espadas em punho, cortava os filetes rosados com movimentos precisos, enquanto seus marujos de tinta atacavam a criatura com ferocidade. Alguns eram esmagados pela força dos golpes do animal, mas se levantavam rapidamente e voltavam a cortar as estranhas membranas que atacavam o navio. Repentinamente uma enorme cabeça triangular emergiu ao lado do navio. Repleta de guelras e com vários olhos viscosos, sua pele transparente deixava os gigantescos órgãos à vista. A boca possuía escamas afiadas no lugar de dentes e três pares de protuberâncias coroavam as laterais de sua cabeça monstruosa.

Uma exfirata!, pensou Volgo, incrédulo, reconhecendo a criatura que ele pensava existir apenas nas lendas dos viajantes boreais. Ele não sabia, mas aquele animal raro estava seguindo o rastro deixado pela magia de cura que ele usava em Willroch. Para o animal, era como um chamado da natureza para se deleitar com um banquete especial.

Os marujos de tinta, sem se abalar com a figura monstruosa, continuaram a cortar e espetar os apêndices-barbatana, que batiam furiosamente contra o tombadilho e arrancavam pedaços do navio.

Subitamente, um emaranhado de filetes finos se enroscou na cintura do jovem capitão e o elevou até acima de um dos mastros. Com habilidade, Tempestuoso cortou o maço de carne gelatinosa que o prendia e, por uma corda de um dos mastros, escorregou de volta ao convés, voltando a combater a criatura, que estava destruindo o navio à procura da fonte da magia que a atraíu.

Diante de tanta destruição, Volgo foi tomado pela ira.

Se o animal não fosse detido, afundaria a embarcação. O velho feiticeiro já havia enfrentado perigos muito maiores para chegar até ali, e não seria um animal de histórias infantis que acabaria com seus planos.

Concentrando seu poder, Volgo lançou uma violenta rajada escarlate contra o animal, que explodiu em um de seus muitos olhos. Com um rugido agudo de dor, a criatura girou a cabeça, focalizou o mago e lançou vários apêndices rosados em sua direção.

Apesar da aparência indefesa e envelhecida, o feiticeiro rubro agiu rápido. Levantou voo e se desviou, escapando ileso ao ataque. Outros tentáculos se esforçaram para pegá-lo, mas com movimentos ágeis escapou, pairando em pleno ar, acima da cabeça da criatura.

Fervilhando de ódio, apertou firmemente o cajado e disparou uma nova rajada, que explodiu no crânio triangular da exfirata com uma força arrasadora. Ferida, a criatura urrou novamente, com um dos vários olhos pendendo debilmente em meio a jorros de sangue azulado.

Só aquele golpe fora suficiente para ferir gravemente a criatura, mas, ressoando ao som de harpas, a raiva no peito do mago cresceu de tal forma que sobrepujou todos os outros sentimentos. Cego pela fúria, Volgo lançou mais uma rajada contra a exfirata, seguida de outra e de mais outra, cada uma mais forte que a anterior.

Seu desejo era desintegrar a criatura por completo, como se, ao fazer aquilo, destruísse também o aperto que lhe ardia no peito.

Althama!, pensou Tempestuoso, ao ver o descontrole do feiticeiro. Volgo fora dominado por um sentimento que sobrepujou de maneira avassaladora todos os demais, como se tivesse sido cegado pelo ódio.

Sem ter como resistir aos duros golpes, os filetes rosados tombaram sem vida, escorregando pelas amuradas e caindo no mar. A enorme cabeça, estraçalhada, boiou junto ao corpo gigantesco por alguns momentos, mas, como um navio avariado depois da guerra, a exfirata afundou, tragada pelo mar colorido.

Com dentes cerrados e segurando o cajado com força, Volgo pairou suavemente, até pousar no convés. Seu peito subia e descia descompassadamente. Mesmo com a raiva pulsando no coração, fez um novo juramento a si mesmo: nunca mais perderia o controle de suas emoções; nunca mais se deixaria levar por uma althama.

À sua volta, marujos de tinta estraçalhados misturavam-se com retalhos de velas, tábuas quebradas e uma grossa camada do sangue azul da exfirata.

— Tempestuoso! — gritou Volgo, arfante, apoiando-se no cajado e fazendo um gesto ao seu redor. — Arrumem o navio o mais rápido possível. Não temos tempo a perder!

Olhando para o horizonte, onde um cobertor de estrelas substituía gradativamente o dia, disse, mais para si do que para o capitão:

— Nada irá me deter... NADA!

SABERES

Planeta Kynis

O homem, conhecido por poucos como Corning e pela maioria simplesmente como Ladrão, jogava biso em um bar perto do porto da capital do reino de As-Tanys, no planeta Kynis.

Seu adversário, um homem baixo, de bigodes fartos e cabelos ralos, segurava as cartas triangulares com firmeza. Ao redor da mesa, alguns kynianos se aglomeravam. Mais altos e magros que um humano comum, com orelhas de pontas duplas, pele acinzentada e uma ou duas barbatanas no topo da cabeça, formavam uma plateia ansiosa. Esperavam em silêncio, curiosos para saber quem ficaria com a respeitável quantia de moedas quadradas que estava sobre a mesa.

O homem deu um gole em uma bebida amarelada e fitou o adversário, atento a qualquer movimento suspeito.

— Eu aceito a sua aposta — disse o bigodudo, colocando o copo de lado e empurrando o restante das moedas para o centro da mesa.

O Ladrão, satisfeito, revelou seu jogo: uma espada; uma armadura; uma feiticeira; um mago e um escudo. Todos da cor esmeralda.

Ao ver as cartas, o homem levantou-se bruscamente. Reconhecendo a derrota, jogou as próprias cartas sobre a mesa e saiu batendo os pés, contrariado por perder outra rodada de biso para o estrangeiro com roupas de caçador.

— Obrigado, muito obrigado! É sempre bom jogar com pessoas tão amáveis — o Ladrão disse sorridente, guardando as moedas e agradecendo silenciosamente pela sorte; não no jogo, mas porque o homem não viu quando ele manipulou o carteadado.

Com o fim da partida, os curiosos se espalharam pelo salão.

Um homem magro, que apesar dos chamativos cabelos ruivos e da roupa espalhafatosa permanecera praticamente indistinguível dos outros clientes do local, se aproximou dançando como um bailarino mal treinado.

— Conseguiu? Conseguiu? — perguntou o Bobo, com uma voz infantil.

— Consegui — respondeu o Ladrão, gesticulando para o amigo falar mais baixo. — Mas ainda é pouco, se compararmos com o que tínhamos antes.

Realmente não há honra entre ladrões, pensou ele, relembando que haviam sido roubados enquanto dormiam em uma pensão, alguns dias atrás.

— E você. Tem alguma novidade? — sussurrou o Ladrão.

— Do homem que pegou o bracelete do mestre pistola? — o Bobo esticou os indicadores e, como se estivesse segurando dois revólveres, começou a atirar balas imaginárias nas pessoas ao redor. — Bracelete para o mestre Kullat! — exclamou, dando um salto por cima da mesa e se sentando onde o bigodudo estava, pouco antes.

O Ladrão avançou sobre o amigo e tapou-lhe a boca, para evitar que ele falasse mais alguma coisa. Já havia sido muito arriscado jogar cartas enquanto o Bobo vigiava, mas ele tinha de ganhar algum dinheiro para poder continuar a seguir a pista do bracelete de Thagir e, com isso, pagar sua dívida com Kullat.

— Então, o homem apareceu ou não? — indagou baixinho o Ladrão, des-
tapando vagarosamente a boca do Bobo.

— Esse homem aqui? — respondeu o Bobo, retirando um papel pardo de um bolso da roupa, com a figura de um homem de óculos arredondados, de lentes escuras, que lhe cobriam completamente os olhos e seu entorno.

Era o homem a quem ambos estavam vigiando.

— É, é... esse mesmo! — o Ladrão respondeu, pegando o papel e o amassando em uma bolinha. — Agora guarde isso antes que alguém veja.

O Bobo deu de ombros e guardou o papel. Com os dedos, fez dois círculos e os colocou sobre os olhos.

— Nenhum homem de óculos hoje — disse, meneando a cabeça e fazendo os guizos do chapéu chacoalharem.

O Ladrão praguejou entredentes.

— Mas eu sei de uma coisa que você não sabe — disse o Bobo, animado, balançando o tronco e os braços em uma dança engraçada.

O Ladrão olhou intrigado para o amigo, esperando que ele continuasse. Mas o Bobo não respondeu, apenas continuou a saltitar em seu assento, naquela dança maluca.

— O que é? — o Ladrão perguntou, irritado.

— O que é o quê? — o Bobo respondeu, parando de dançar.

— O que é que você sabe que eu não sei?

O Bobo deu de ombros.

— Não sei. O que é que eu sei que você não sabe?

O Ladrão fez uma careta e se levantou, indo em direção à porta.

— Nem sei por que ainda dou atenção...